



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 29

Lendas urbanas

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

ATO1

Branca Vianna: Dizem que a gente sabe que é íntimo de alguém quando a gente fica confortável com a pessoa em silêncio.

Paula Scarpin: Eu não lido bem com o silêncio.

Branca Vianna: Essa é a Paula Scarpin.

Paula Scarpin: Inclusive, eu coleciono algumas histórias, tipo, eu guardo num escaninho na minha memória pra usar em festa, em situação social assim, quando morre o assunto, tem gente de grupos diferentes e eu sinto que precisa dar uma movimentada.

Branca Vianna: Que tipo de história?

Paula Scarpin: Não sei, eu nunca parei pra catalogar esse tipo de história, o que é que faz essas histórias serem boas para esse tipo de situação, mas acho que elas precisam ser fáceis das pessoas se relacionarem com elas. Elas precisam ter uma tensão dramática.

Branca Vianna: Tem um exemplo?

Paula Scarpin: Claro que eu tenho elas na ponta da língua aqui, né, não podia ser uma situação social.

Branca Vianna: Essa que é a intenção da história...

Paula Scarpin: É, exatamente. A primeira é uma história que eu ouvi de uma amiga de uma amiga que morou muito tempo em Paris. Na verdade, ela me contou essa história como sendo de uma amiga dela, mas em geral pra facilitar, eu falo que a história é dessa amiga pra não ficar, né, da amiga da amiga da amiga... Mas enfim, brasileira em Paris, o euro pela hora da morte, ela era bolsista, não era de família rica, nem nada. Pra complementar a grana ela estava de caixa no supermercado, aluguel caríssimo e tal, e ela foi demitida do supermercado e o dono do apartamento pediu o dela de volta, então ela ficou no mato sem cachorro.

E aí ela botou lá um anúncio nesses grupos de brasileiro morando em Paris, assim: "Estou aqui precisando de um emprego, de um lugar pra morar" e uma menina respondeu: "Cara, eu acho que eu tenho uma solução perfeita pra você porque tem essa velhinha que eu conheço, já fiz dog sitting pra ela algumas vezes, que ela é apaixonada pelas cachorros dela. Tem um cachorro dela que tá bem doente e ela vai precisar. Ela é uma senhorinha, mas ela trabalha, vai ter que fazer uma viagem pra Suíça, sei lá, um congresso, e vai ficar uma semana fora. Ela precisa que alguém more no apartamento e ela paga bem. Então, basicamente, você vai ficar tomando conta de cachorro e vai estar morando num bairro legal, bacana. Não tinha por que ser ruim, essa menina gostava de cachorro, então a velhinha largou o apartamento pra ela e foi para a conferência. A única coisa que tinha que fazer era dar remédio várias vezes por dia pra esse cachorro que estava bem doentinho. Aí primeiro dia, tranquilo, deu os remédios pro cachorro, passeou e tal. No segundo dia, ela foi dar o remédio pro cachorro e descobriu que o cachorro tinha morrido.

Branca Vianna: Aaah!

Paula Scarpin: O cachorro estava morto e ela, ferrou, né... Ela tinha feito tudo certinho mas, enfim. Aí ela ligou pra velhinha e disse: “Eu fiz tudo certinho, mas ele morreu. O que eu faço?”. E a velhinha falou assim: “Eu imaginei que isso pudesse acontecer, ele estava bem doente, não tem problema. Tipo, chato eu não estar aí. Eu queria muito... Mas para mim é muito importante eu ter uma cerimônia pra me despedir do meu cachorro, então eu já deixei meio ajeitado com o pessoal da veterinária, eles têm um freezer que eles podem guardar o corpo pra depois eu fazer a minha cerimônia. Eu só preciso que você leve o cachorro pra lá”. Ela falou: “Claro, não tem problema, pode deixar comigo que eu resolvo isso”. Só que a menina estava muito dura, ela não tinha recebido ainda, ela ia receber no final daquela semana, e ela não teve a coragem de ligar pra velhinha pra dar a má notícia e ainda falar que precisava de um adiantamento. Então ela falou: “Beleza, vou me virar”. Ela tirou tudo que era dela de dentro da mala, colocou o cachorro dentro da mala e falou: “Vou de metrô pra levar o cachorro pro veterinário”. Só que ela era uma menina super pequenininha, magrelinha e o metrô de Paris é meio famoso por não ser muito acessível e escada rolante nem pesar e tal . E ela estava lá puxando um cachorro enorme, um pastor alemão, uma coisa assim. Ela foi levando o cachorro degrau por degrau descendo a escadaria do metrô meio desesperada, aí vem um cara muito bem intencionado: “Você está com dificuldade com a mala? Quer alguma ajuda?”. E ela: “Graças a Deus, sim, por favor, eu só preciso levar a mala pra plataforma”. Ele pegou a mala e falou: “Caramba, que pesada. O que é que tem aqui dentro?” E ela pensou: “Não vou falar cachorro morto, né?”. Ela pensou segundos e a primeira coisa que veio na cabeça dela: “Ah, uns computadores, coisas de informática, que eu preciso transportar. Aí o cara pegou a mala, saiu correndo e entrou o primeiro vagão.

Branca Vianna: Não... Roubou?

Paula Scarpin: É... E a história acaba aí, até onde eu sei, porque... Eu não sei o que é que aconteceu (Gargalhada). Coitada dela e coitada da velhinha, mas eu amo imaginar esse cara abrindo a mala. É o jeito dele nunca mais cometer nenhum crime na vida .

Branca Vianna: (Gargalhada) Coitada dessa moça, que dó! E como ela liga pra velhinha e diz: “Eu estava no metrô e roubaram o seu cachorro morto”. Que situação... Depois dessa tem mais alguma?

Paula Scarpin: Tem uma que, na verdade, a Carol Pires, nossa colaboradora, me contou, que eu comecei a usar também porque achei que é uma boa história pra festa, pra quebrar gelo e coisa assim. Segundo a Carol, tinha acontecido com uma amiga dela. Essa amiga estava solteira, doida pra arrumar um namorado e foi pra uma balada e vê um cara super gato, bom de papo. Eles ficam e é ótimo. Mas ela mora com a mãe, não ia poder levar o cara para a casa dela. O cara falou assim: “Não, vamos lá pra minha casa e tal”. Aí ela vai pra casa do cara, e a casa é incrível. Super bom gosto de decoração e tudo assim perfumado, limpo, direitinho. A noite com o cara é incrível, dá tudo certo, tudo gostoso. No dia seguinte, ele acorda cedo porque precisa ir pra uma reunião mas fala: “Você fica aí, relaxa, toma o seu café da manhã. A porta depois é só você bater. Fica tranquila, dorme mais um pouco se quiser”. E ela ficou tipo: “Cara, eu estou de cara, que perfeito, acho que é ele”, e ela começou a me mandar um monte de selfie para as amigas dela: “Olha como ele é incrível, olha essa geladeira com produtos orgânicos. Meu futuro marido”. Ela fica super à vontade na casa do cara, aí toma café e o intestino dela dá um “alô”. Ela vai ao banheiro e pensa: “Saio daqui, tomo meu banho e vou embora”. Aí ela vai ao banheiro, tenta dar a descarga, e a descarga não funciona. Aí ela falou: “Não tem problema”. Ela pega um saquinho plástico, enfia a mão, cata os dejetos, fecha, dá um nozinho no saquinho, deixa tudo limpinho e deixa um bilhete pro cara falando: “Adorei. Vamos nos ver mais”. Sai e fecha a porta. Quando ela bate a porta e se dá conta de que deixou o plástico em cima da mesa do lado do bilhete.

Essas duas histórias, que são as minhas melhores histórias de quebrar o gelo, a Flora acabou com elas.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu não sei. Eu tinha ouvido essas histórias, a do cachorro eu tinha ouvido de você, história da sua amiga de Paris, e a do cocô a gente ouviu da Carol. E são boas histórias e tal. Mas não sei o que me deu que um dia joguei no Google: “cachorro na mala”. Vamos fazer isso agora?

Branca Vianna: Tá bem.

Paula Scarpin: Será que você não procurou em inglês?

Flora Thomson-DeVeaux: Vamos colocar em inglês: "dead dog subway".

Branca Vianna: Você coloca "dead dog subway" e parece isso?

Flora Thomson-DeVeaux: Isso, teve uma peça, enfim. Alguém contando como se tivesse acontecido com a pessoa. E é uma coisa que eu lembro, enfim. E eles chegaram a contar em um podcast como se fosse um caso e o negócio vem desde os anos 1980, cara.

Branca Vianna: De onde vem a lenda urbana do cachorro morto na mala.

Flora Thomson-DeVeaux: Sim, e parece que saiu em um jornal em Nova Iorque, em 1987. E em 87 já era antiga a história. Então é uma história que é mais antiga que eu.

Branca Vianna: Saiu como se tivesse acontecido, mas já era lenda urbana?

Flora Thomson-DeVeaux: Sim, e eu só imagino só evoluindo o que ela fala que tem na mala: "Ah, eu tenho máquina de fax". (Gargalhadas)

Paula Scarpin: Eu imagino um monte de macbook.

Branca Vianna: "Tem um monte de telex na minha mala". (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: É uma história, que com pequenas adaptações, sempre dura, com pessoas que precisam pegar o metrô, cachorro doente, enfim. Tem algumas coisas eternas e algumas coisas que eu imagino que atualizam.

Paula Scarpin: Mas eu acho que é uma lenda urbana suficientemente conhecida pra causar esse impacto que teve em você e em quem ouve pela primeira vez.

Branca Vianna: Totalmente. Eu achei que era verdade.

Paula Scarpin: Como não é assim “a loira do banheiro”...

Branca Vianna: Não, é uma história totalmente plausível.

Paula Scarpin: E teve um dia que eu cheguei na casa do meu pai.

Flora Thomson-DeVeaux: Cara, foi depois da pandemia que a gente visitou pela primeira vez?

Paula Scarpin: Acho que sim.

Flora Thomson-DeVeaux: Cara, eu chego na casa do meu pai e, na sala, eles tiraram um quadro que tinha ficado desbotado e botaram um quadro que é um cachorro morto numa mala! É super colorido, é bonito

Paula Scarpin: Vai ser a arte do episódio. (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: E eu tipo assim: “Que porra é essa gente? “Não, é uma arte das gêmeas. Aconteceu com uma amiga delas”. (Gargalhadas)

Paula Scarpin: A gente: “Não aconteceu!” (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: Eu não apenas estraguei a história da Paulinha, eu estraguei a sala do meu pai. O quadro ainda tá lá. Eles escolhem ignorar que essa história não aconteceu.

Paula Scarpin: Existem pessoas que decidem ignorar. A gente bateu uma foto pra usar no episódio.

Flora Thomson-DeVeaux: É lindo o quadro. Só não aconteceu com a amiga da professora de artes delas. Eu fiquei passada com o cachorro invadindo a sala do meu pai na Virgínia e tá lá até hoje. Ninguém tira o cachorro de lá. (Gargalhadas)

Paula Scarpin: É a do cocô, como foi?

Branca Vianna: A do coco é mais difícil de googlar. Você coloca “cocô na mesa com bilhete”? “Date que deu errado com cocô na mesa?” (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: Ó, achei. É um site que nasceu pra desmentir e-mail encaminhado, sabe?

Branca Vianna: Ah tá.

Flora Thomson-DeVeaux: É bom se você recebe um e-mail antigo, meio esquisito, que você tá na dúvida se é príncipe nigeriano ou alguma coisa assim. E eles provavelmente têm catalogado. E aí eles coletaram essa história em um e-mail de novembro de 2007, que era a amiga de uma amiga de uma colega que não sei o quê. E é exatamente isso. Eles coletaram uma outra versão em abril de 2009. De novo, nada é impossível. A gente não sabe se isso nunca aconteceu.

Branca Vianna: É verdade.

Flora Thomson-DeVeaux: Pode ter acontecido com uma paciente O em 2006, e aí a gente conta como se fosse uma amiga da Carol.

Paula Scarpin: E eu acho que tem uma coisa que eu acho que não é de sacanagem, porque eu mesma cortava um grau de separação pra facilitar: “Luana minha amiga que fora em Paris me contou essa história”. Ela me falou como sendo uma amiga dela. Mas é possível que ela tenha ouvido sendo de uma amiga de uma amiga. Então, assim, quando eu conto, eu falo: “Minha amiga Luana”.

Branca Vianna: Que é essa que morava em Paris?

Paula Scarpin: É. Então eu já meti a história como sendo da Luana. E eu não estou fazendo por sacanagem, pra deixar a história mais interessante. É só pra não ter que explicar. Eu acho que muita gente ouviu essa história de alguém e faz isso. Tipo a história da amiga da Carol. De onde a Carol ouviu essa história? Não sei. Tem que ter pelo menos uma pessoa pra dar credibilidade.

Flora Thomson-DeVeaux: Tipo Carol Pires, a jornalista. (Risadas)

Branca Vianna: Nem precisa de checagem. Quer dizer, não me surpreenderia se você disse: “Tá aí, vou checar”.

Paula Scarpin: Eu tenho muita raiva da Flora ter destruído essas duas histórias de festa. (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: Ela amava essas histórias. (Gargalhadas)

Branca Vianna: Essa semana, a gente vai ter mais dois atos dedicados a histórias que insistem em não morrer. Narrativas das quais a gente não consegue se desfazer. Porque são sedutoras demais, divertidas demais, ou porque a gente realmente só precisa de alguma historinha pra contar na hora em que a conversa dá uma estancada.

Quem vai contar a próxima, já que ela já estragou duas boas histórias da Paulinha, é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 2

Flora Thomson-DeVeaux: Existe um tipo de conversa que a gente só tem com um único amigo. Aquela pessoa com quem você fala obsessivamente sobre uma série que vocês têm em comum, aquele amigo que sempre te procura pra trocar figurinhas sobre plantas. Na minha vida, só tem um ser humano com quem eu falo sempre sobre etimologia. Sobre as origens das palavras.

Eduardo Heck de Sá: Não sei, acha que Duda está bom? Pode ser Eduardo Heck de Sá também, se tiver alguma dimensão mais formal.

Flora Thomson-DeVeaux: Se você é um ouvinte assíduo do Rádio Novelo Apresenta, você talvez se lembre do Duda, o Eduardo Heck de Sá.

Flora Thomson-DeVeaux: E quem é Duda?

Eduardo Heck de Sá: Duda... Você se lembra que na última vez que vocês me perguntaram isso, eu fiquei 18 minutos falando.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente entrevistou o Duda pro episódio “Fora de contexto” porque ele foi a nossa ponte pra conseguir passar a limpo a história do Caetano Veloso com o meme do “Como você é burro, cara”. O que não entrou naquele episódio foi a apresentação completa dele.

Eduardo Heck de Sá: Tá, meu nome é Eduardo. Sou baiano, moro no Rio há 17 anos, vim fazer faculdade e fiquei. Sou gay, sou branco, venho de uma família de classe média alta decadente, então foi aquela, uma experiência de ter acesso a muitas coisas, mas de também de ter sido perrengue dentro da nossa realidade, que não se compara com a cidade como Salvador que é muito pobre. Então relativamente tinha essa coisa. E fiz, estudei economia. Hoje eu trabalho com educação, com pesquisa. Sou ariano, ariano na reserva porque eu já me considero... Eu tenho um ascendente em libra para quem não entende, quer dizer, não entende, eu também não entendo, mas não sabe o básico de astrologia. Ariano é tipo a explosão, é o primeiro signo do zodíaco. Então isso implica energia para iniciar projetos, mas não para mantê-los necessariamente. Alguma agressividade. Libra, por outro lado, é muito... procura o equilíbrio, inclusive estético, e também muito sociável, diplomático. Então, eu sou mais ou menos isso. Assim, isso faz parte do que eu sou.

Flora Thomson-DeVeaux: É, a gente nem sempre sabe no que tá se metendo quando a gente pede pra uma pessoa se apresentar...

Eduardo Heck de Sá: Vou ser sintético agora. Bom, eu sou baiano, tenho 37 anos, sou economista de formação. Eu trabalho com educação, sou pesquisador, gestor público.

Flora Thomson-DeVeaux: Além de tudo isso, o Duda é um amante da etimologia. Eu não tinha ideia de onde essa paixão dele tinha vindo. Mas, se você me pedisse pra chutar, eu não teria acertado.

Eduardo Heck de Sá: É a coisa mais inesperada do mundo. Assim, porque é a revista Caras. Eu era adolescente, coloquei aparelho no dente e ia muito ao dentista. Médico, dentista, geralmente tem essas revistas – Veja, Caras não sei o quê. E eu ficava lá folheando a Caras, e

a Caras tinha uma seção dentro dela, ela toda, 98% era foto de pessoas famosas ou ricas, ou celebridades. E no meio dela tinha uma seção de etimologia. Era um cara que é conhecido no Brasil. Deonísio alguma coisa, o nome dele.

Flora Thomson-DeVeaux: O professor e escritor Deonísio da Silva teve essa coluna de etimologia na Caras durante 25 anos, até 2018.

Eduardo Heck de Sá: E toda semana, enfim, sempre que eu ia no dentista tinha lá. E eu achava o máximo, aquilo era tão legal descobrir de onde vinham as palavras.

Flora Thomson-DeVeaux: A coluna na Caras foi o que plantou a semente. E dali, o Duda partiu pra drogas mais pesadas.

Eduardo Heck de Sá: Tem uma pessoa muito importante nessa história que é minha tia avó Vera. E eu morei com ela dois anos. E ela é uma filóloga de profissão. E ela foi uma das diretoras do Houaiss. Ela é parte da equipe do trabalho no Instituto Houaiss e tudo é. E era maravilhoso, eu azucrinava ela, assim que eu perguntava muita coisa a ela. E ela tem acesso a coisas que a gente, como usuário, não tem do Houaiss. Outro dia eu peguei uma palavra qualquer, por isso que ela falava assim que veio do provençal, eu falei: "Gente, que louco, provençal! A última vez que ouvi falar de provençal foi na escola aprendendo sobre trovadorismo e nunca mais". Aí eu fui conversar com ela sobre isso. Ela falou: "Ah, te mando uma lista". Ela me mandou uma lista de todas as palavras do português que estão no Houaiss, que têm origem no provençal.

Flora Thomson-DeVeaux: Que incrível.

Eduardo Heck de Sá: Incrível, incrível!

Flora Thomson-DeVeaux: Estou imaginando outro ser humano ouvindo isso, falando: "Foda-seeeee".

Eduardo Heck de Sá: [Gargalha] Provençal, minha pica! Total.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, acho que agora deu pra entender o teor das minhas conversas com o Duda. Mas eu não fui falar com ele só pra expor essa faceta da nossa amizade. Eu queria falar com ele sobre etimologias falsas.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu acho que tem essa regra meio que na etimologia, que sempre que a história de uma etimologia é muito boa. Assim, quase certeza que ela é falsa.

Eduardo Heck de Sá: Ah, com certeza. Certeza absoluta.

Flora Thomson-DeVeaux: Então sempre que a história é muito redonda, muito perfeita, "nossa, então por isso é que a palavra é assim" – não, fake, fake, sempre fake.

Flora Thomson-DeVeaux: Ok, pode não ser uma regra, assim, inviolável. Mas o meu feeling é de que ela vale na maior parte dos casos. Eu pedi pro Duda relembrar alguns exemplares.

Eduardo Heck de Sá: Eu acho que a primeira dor que todo mundo sentiu foi "forró". Que tinha uma história maravilhosa, assim, quem inventou realmente... que tinha uma base militar americana em Natal, e que aí os soldados, os militares americanos, num gesto de boa vizinhança, fizeram uma festa. E botaram uma faixa "FOR ALL", que era uma festa para todo mundo lá do entorno da base vir, um chamamento simpático e isso viralizou antes de haver, antes mesmo de haver internet, de haver meme, tudo isso. Todo mundo falava, todo mundo pensava isso. Só que eu acho também que foi a primeira refutação que tenha viralizado.

Flora Thomson-DeVeaux: É, se você não sabia, agora você tá sabendo que forró não vem de "for all". Vem de forrobodó, que significa um tipo de baile ou confusão, e que ninguém sabe direito de onde veio. Ou seja: "for all" é a melhor narrativa. Ela só tem esse detalhe de não ser real.

Eduardo Heck de Sá: E depois, quando eu comecei a trabalhar com educação, teve um também, que esse é que é muito disseminado. Acho que se você falar com educadores, eles certamente já ouviram essa

etimologia que é de aluno. E a etimologia que foi disseminada é a de que “aluno” vem de um sujeito ou objeto sem luz, “a” de sem e “luno” de lume e tal, de luz. Então, que a palavra de aluno expressa essa noção de subalterno, apagado. A luz é o professor e o aluno é aquele que precisa ser iluminado. E isso não é verdade também. Na verdade, “aluno” tem uma etimologia muito bonita de aleitamento, de aleitado. Também é meio conteudista, também é meio o professor dando a coisa pronta para o aluno, mas, não sei, me parece mais mais simpático e lírico assim do que aluno sem luz.

Flora Thomson-DeVeaux: Se você é do tipo que não fica maravilhado com uma lista de todas as palavras em português derivadas do provençal, talvez você esteja se perguntando: e eu com isso? Que diferença faz se aluno significa “sem luz” ou significa “criança de peito”?

Eduardo Heck de Sá: Porque se você ouve isso, você acredita nisso, isso talvez faça com que você passe a perceber toda a pedagogia como um esforço sinistro, assim. E que isso está no DNA da pedagogia, a ponto de estar assim marcado na palavra.

Flora Thomson-DeVeaux: Essas histórias muito sedutoras de etimologia têm algo de da predestinação das palavras.

Eduardo Heck de Sá: É um tipo de paladar infantil etimológico, que esse hábito gera, sabe, de você esperar que as palavras vão te revelar aquilo que você quer ver.

Flora Thomson-DeVeaux: Às vezes as etimologias revelam muito. Mas muitas vezes, na maioria das vezes, elas dão a medida da nossa ignorância.

Eduardo Heck de Sá: Porque muitas palavras não têm origem, não se sabe. Então acho que te coloca numa posição de mais humildade diante da língua, sabe? Assim talvez você não vai entender tudo que está nela. A gente não sabe a raiz das coisas. Tem muita palavra lá nos dicionários que tem origem obscura, não se sabe. Eu não sei quantos por cento, assim, muitos por cento da língua portuguesa vai parar ou no ou no latim, no grego. E aí não brotou do chão. O latim também veio de algum lugar.

Flora Thomson-DeVeaux: Se você tá reparando numa certa vagueza nessas análises, não é por acaso. Nem eu, nem o Duda temos qualquer formação em etimologia, por mais que a gente aprecie essa busca pela origem das palavras. Mas para além do trabalho dele como economista, o Duda tem outra especialidade.

Eduardo Heck de Sá: A gente se conheceu quando eu trabalhei na revista Piauí e meu trabalho era inventar notícia falsa, satírica, de humor no blog Piauí Herald.

Flora Thomson-DeVeaux: Durante pouco mais de um ano, o Duda foi a mente por trás de manchetes como: “Unesco reconhece Trancoso como maior colônia paulista fora do Japão”; “Terceirização: Ministros de Temer serão demitidos e recontratados como frilas”; “Dória quer renomear Cracolândia como ‘White Smoke District’”; e “Estado Islâmico assume autoria de livros de Kazuo Ishiguro, Nobel de Literatura de 2017”. E, talvez por ser workaholic, talvez por não conseguir desligar a cabeça, ele fazia um negócio muito parecido nas horas vagas.

Eduardo Heck de Sá: Eu acho que é engraçado. Pensando agora, volta pra coisa da Caras também. Eu invento notícia falsa de político, invento, espalho. Eu gosto de fazer isso. Não posso falar aqui porque vou ser processado.

Flora Thomson-DeVeaux: Vamos dizer... você joga coisas na mesa do bar, no grupo de whatsapp, histórias que quase parecem verídicas que fazem a gente: "Nossa, sério?" E aí, quando a gente se dá conta, você está rindo da nossa cara. Então é isso, no limiar da veracidade.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu aprendi com o Duda que a fofoca falsa é uma arte.

Eduardo Heck de Sá: Quando se prega uma peça em alguém, você não pode pesar a mão, assim não pode ser, tipo: “Você sabia que Sarney tem um disco voador e que ele é e estacionava no... em Brasília, e daí o Niemeyer fez o congresso por causa do disco voador do Sarney?” Ninguém vai acreditar nisso. Mas se você falar: “Você sabia que Sarney tinha uma perna mecânica? Já viu ele de short?” E você planta aquela semente. A pessoa fala: “Puxa, é verdade! Nunca pensei nisso”.

Flora Thomson-DeVeaux: Mais ou menos nessa época, por volta de 2015, quando ele tava tentando bolar manchetes quase verossímeis pra piauí e boatos quase verossímeis pros grupos de amigos, o Duda teve uma ideia.

Eduardo Heck de Sá: Eu já tinha acumulado uma coisa de etimologia. E aí me incomodou ver um monte de etimologia falsa circulando. E, assim, não me incomoda em nada, não me incomoda em nada que uma etimologia seja falsa. Eu acho maravilhoso que as pessoas inventem tudo, mas eu achava a maioria cafona, e não achava engraçado, achava ruim, entendeu? Falava: “Ah, não, então, já que é assim, então eu vou fazer o meu também”. “Já que está para jogo, então vou jogar”.

Flora Thomson-DeVeaux: Desde aquela época, o Duda tá jogando. Brincando de pensar em etimologias inexistentes e tentando semear por aí, nessa batalha contra as etimologias falsas cafonas. Se forem falsas, que sejam boas.

Eduardo Heck de Sá: Eu infelizmente não acho que eu tenha conseguido emplacar ainda algum viral etimológico, o que é um privilégio... Eu morro de vontade de saber quem que inventou essas coisas. Quem foi o gênio que inventou "for all"? E tem um monte de palavra que é o contrário disso, tem palavras que têm etimologias maravilhosas e que ninguém fala delas, que não são conhecidos

Flora Thomson-DeVeaux: Por exemplo?

Eduardo Heck de Sá: Paquera. Paquera é uma palavra muito brasileira, porque fica – saudade, ai, saudade é a coisa mais brasileira do mundo, e quando você vai ver, não é tanto. E cada língua tem uma palavra, várias línguas tem vários relatos para tipificar esse sentimento. Ok, é bonito saudade. Palmas para saudade. Mas paquera é muito legal, certo? E paquera tem a raiz mais extraordinária. Vem de paqueiro.

Flora Thomson-DeVeaux: Um caçador?

Eduardo Heck de Sá: Paca, o animal. Eu não sei se é um caçador ou se é alguém que cuida como um pastor.

Flora Thomson-DeVeaux: Grandes manadas de pacas.

Eduardo Heck de Sá: Grandes manadas de pacas. E naturalmente vem do... Puxa, agora não me lembro o idioma indígena. Talvez seja tupi guarani, talvez não seja. Mas paca vem de um idioma indígena. E o paqueiro é alguém que fazia sons e coisas e tal. Sabe se lá como essa interação dele com a paca veio a designar o que a gente faz para tentar conquistar ou tentar chamar atenção de alguém que a gente gosta. É maravilhoso isso. E assim, numa boa, eu podia ter inventado isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Que conste dos autos: paquera vem de paquerar, que vem de paqueiro, que é um adjetivo que descreve um cachorro adestrado pra caçar pacas, que é uma palavra que vem, de fato, do tupi.

Eduardo Heck de Sá: Caralho, olha isso, Flora: outra palavra, que tem uma etimologia fantástica que, se você ouvisse, você ia falar: "Ah, caô, isso não é verdade, isso é mentira" – é pedigree. É uma palavra, enfim, não é do português, foi aportuguesada, mas vem do francês "pied de grue". Que quer dizer pata do cisne. Por quê? Porque a pata do cisne, como tem vários dedos, ela parece com a árvore genealógica.

Flora Thomson-DeVeaux: Na verdade, já que a gente tá falando de pedigree, é importante dizer que a ave em questão é um grou, tipo uma garça. E a pegada dela parece com uma árvore genealógica, ou, mais precisamente, com os esquemas que criadores de cavalo, na Inglaterra, usavam pra mapear linhagens equestres.

Eduardo Heck de Sá: Por exemplo, tem outra que é maravilhosa, que é escambau. É uma palavra muito brasileira também. Você sabe a origem?

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei.

Eduardo Heck de Sá: Escambau vem de uma língua indígena também, acho que tukano de escambo. Quando você só queria escambo, meio que pisando no conflito, quando dava errado, quando tinha algum conflito por conta do escambo e aí era o escambau.

Flora Thomson-DeVeaux: Gente.

Eduardo Heck de Sá: Maravilhosa essa, né? Mas essa eu inventei.

Flora Thomson-DeVeaux: Você inventou? Ah!

Eduardo Heck de Sá: (Gargalhadas)

Flora Thomson-DeVeaux: Ai, que ódio! Você fica acordado só pensando em etimologias, Duda?

Eduardo Heck de Sá: Hoje em dia já é um hobby. Quando eu vejo... tem certas palavras que eu bato o olho, e falo: "Hmm, essa aí dá caldo. Essa aí eu vou atrás". E eu vou ver se ela tem uma história legal, se ela não tem, aí eu invento uma qualquer tipo, o escambau, como fiz agora pra você.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois a gente foi olhar, e não deu outra. Escambo: origem obscura. Provavelmente derivado de "cambada". Mas você pode sempre adotar a versão Dudesca da história. Conversa vai, conversa vem, e quando eu vi, já não era mais uma entrevista, e eu já não estava mais no comando. Tinha virado um game show de etimologia, apresentado pelo Duda.

Eduardo Heck de Sá: Outra palavra que tem uma origem interessante – haxixe. A droga, a substância. Que vem do árabe, é do árabe, ou de uma língua do Oriente Médio que é assassino. Porque eu acho que tinha um estigma, tipo assim malandro, sabe, tipo um assassino é alguém que consome haxixe.

Flora Thomson-DeVeaux: Maconheiro.

Eduardo Heck de Sá: Ah, te peguei! Não, mentira, eu não te peguei. Essa é verdade.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu estou muito desconfiada agora...

Flora Thomson-DeVeaux: Na verdade, tem essa conexão, mas é meio às avessas.

A palavra assassino vem de um termo que significava "consumidor de haxixe". Isso por causa de histórias da Idade Média sobre uma seita cujos membros teriam assassinado pessoas sob a influência da droga. A história era boato. E a gente sabe que a maconha estimula mais sonecas do que assassinatos. Mas esse boato medieval preconceituoso ficou cristalizado no rastro da língua.

Eduardo Heck de Sá: Tem outra que vem do inglês, que não tem tanta palavra do português que é do inglês. Tirando essas novas, né? Que é "reiterar".

Flora Thomson-DeVeaux: Hmm.

Eduardo Heck de Sá: Que veio do que tem a raiz é hate. Hate-erar.

Flora Thomson-DeVeaux: Não é!

Eduardo Heck de Sá: [Risadas] Não é! Ah, cast, mas essa todo mundo conhece, mais ou menos – de castigo.

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei se eu conheço.

Eduardo Heck de Sá: Não? Vem de casta. Que era uma coisa muito...

Flora Thomson-DeVeaux: Gente.

Eduardo Heck de Sá: Te peguei de novo. Azucrinar, por exemplo. Você sabe azucrinar?

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei.

Eduardo Heck de Sá: Azucrinar é maravilhoso. É uma palavra muito bacana e boa. É uma dessas palavras cujo som sugere.

Flora Thomson-DeVeaux: Já azucrino.

Eduardo Heck de Sá: É... mas azucrino é o que é. Mas não para humanos, é para cavalos, de crinar, da crina, sabe, que os cavalos não gostavam e (relincha).

Flora Thomson-DeVeaux: Duda? (Risadas)

Eduardo Heck de Sá: Mas você já está vacinada agora. E isso, é porque não rola, você está com os anticorpos. (Risadas)

Flora Thomson-DeVeaux: Eu tinha gostado dessa história porque as etimologias falsas do Duda me pareciam uma pregação de peça muito sofisticada que explorava um defeito estrutural da etimologia: o tanto de palavra que a gente não sabe de onde veio, por um lado, e por outro, a nossa queda eterna por histórias bem contadas num mundo onde a verdade raramente vem redonda.

No final, eu fiquei pensando que ter um fabulista etimológico na jogada, um malandro semântico testando os limites da nossa credulidade pode até fortalecer o nosso senso crítico. Deixar a gente vacinada, como o Duda disse.

Eduardo Heck de Sá: Pra mim, eu senti depois com tudo o que aconteceu, foi uma educação no lance de fake news, sabe? Você tomar com certo ceticismo coisas que fazem sentido demais, assim. Você aprender que nem tudo que faz sentido é verdade.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo.

O terceiro ato do episódio dessa semana não é propriamente uma lenda urbana porque ela se passa toda numa cidade pequena, numa região rural. Quem contou pra gente, e agora vai contar pra você, é a Bia Guimarães.

ATO 3

Bia Guimarães: No noroeste do Rio Grande do Sul, já quase na divisa com a Argentina, tem uma cidade chamada Cândido Godói. É um município pequeno, com pouco mais de 6 mil habitantes. E grande parte dessa população é de imigrantes alemães ou descendentes de alemães – eu não saberia pronunciar 90% dos sobrenomes de lá.

Na área mais central de Cândido Godói tem ruas bem arborizadas, casas, comércios e não poderia faltar um CTG, um centro de tradições gaúchas. É lá que rolam as festas de aniversário da cidade e outras celebrações. Aí, para além desse centrinho, o município se espalha pela zona rural, onde tem muita agricultura familiar e algumas fazendas maiores. Um dos apelidos de Cândido Godói é "cidade pomar". O outro eu já te conto.

Mas dá pra dizer que Cândido Godói é uma típica cidadezinha pacata. Daqueles lugares em que raramente acontece alguma notícia bombástica. E que quase nunca tem motivo pra aparecer num jornal de circulação nacional – muito menos num jornal gringo. Quase nunca. E se é um lugar pacato hoje, imagina então 20, 30 anos atrás. Por isso foi um rebuliço danado quando, em 1994, começou a circular por lá uma história esquisita. Uma teoria de que décadas antes, lá pelos anos 60, a cidade teria sido o cenário de um experimento nazista. Colocado em prática por uma das figuras mais abomináveis dos campos de concentração: o médico Josef Mengele, que foi apelidado de Anjo da Morte. E que em português às vezes a gente chama de Menguéle.

O Mengele ficou conhecido por fazer uma série de experimentos cruéis em Auschwitz. Ele usava milhares de prisioneiros como cobaias pra decifrar mecanismos da genética e do corpo humano. Era tortura disfarçada de ciência. E um dos principais alvos do Mengele eram os pares de gêmeos. Não é consenso, mas alguns historiadores dizem que um dos motivos por trás disso é que ele queria entender como induzir o nascimento de gêmeos. Porque assim ia dar pra multiplicar mais rápido a raça ariana.

Bom, e não é novidade que, depois da guerra, o Mengele fugiu pra América do Sul. Você já deve ter ouvido falar que ele se escondeu na Argentina, e depois veio pro Brasil nos anos 60 – e que ele inclusive morreu afogado em Bertioga, no litoral de São Paulo, em 79.

Mas, voltando pra história esquisita que começou a circular em Cândido Godói em 94. Ao que tudo indica, ela veio de um jornalista argentino chamado Jorge Camarasa. Nessa época, ele estava pesquisando a vinda dos nazistas pra América do Sul pra escrever um livro – um dos vários que ele lançou sobre o assunto ao longo da carreira. E o Camarasa – não se sabe muito bem como nem porquê – chegou à conclusão de que, nessas andanças pela

América do Sul, o Mengele não só tinha passado por Cândido Godói, mas também escolhido a cidade pra executar mais um dos experimentos dele. Com famílias de ascendência alemã. Pra propagar ainda mais esses genes por meio dos gêmeos. Induzindo a gemelaridade de alguma forma misteriosa. E aí, por conta do Mengele, Cândido Godói teria se tornado a terra dos gêmeos. Esse é o outro apelido de lá, além de cidade pomar.

Ursula Matte: Essa situação começou a aparecer em alguns lugares, e a imprensa começou a procurar por eles e a querer fazer entrevistas, a querer fazer matérias.

Bia Guimarães: Essa é a Ursula Matte. Eu já vou explicar melhor quem ela é – mas, antes, a gente precisa cortar o mal pela raiz. Sim, é verdade que Cândido Godói tem muito mais gêmeos do que o esperado. O apelido da cidade não veio à toa. Só que isso não tem absolutamente nada a ver com o Josef Mengele, nem com o nazismo. E essa história aqui é sobre como a gente sabe disso, e sobre por que é tão difícil acabar com essa lenda. Agora sim.

Ursula Matte: Eu sou a Ursula, Ursula Matte. Eu sou professora de genética no Departamento de Genética da UFRGS.

Bia Guimarães: Hoje a Ursula é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mas, lá em 94, ela ainda era só uma estudante de biologia. Ela tinha 22 anos e estava quase na reta final da graduação.

Ursula Matte: Tinha que fazer o trabalho de conclusão de curso, e procurei um professor do departamento de Genética, o professor Roberto Giugliani, que trabalha com genética médica.

Bia Guimarães: Genética médica é a área que investiga doenças raras, predisposições genéticas, condições passadas de pais pra filhos, esse tipo de coisa.

A Ursula sabia que ela queria fazer um TCC nessa área, mas ela ainda não tinha escolhido um assunto específico pra pesquisar. Até que um dia o professor dela chegou e disse...

Ursula Matte: Olha só, tem um pessoal que veio lá de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul...

Bia Guimarães: De um município chamado Cândido Godói.

Ursula Matte: E eles estão interessados em entender por que tem tanto gêmeo lá. E esse podia ser o teu TCC.

Bia Guimarães: A Ursula não conhecia essa cidade, nem essa história. Mas ela sentiu que podia ter algo de interessante ali.

Ursula Matte: Ah, legal! Então lá fui eu conversar com eles. Eles vieram aqui em Porto Alegre, eu tive uma reunião com as duas pessoas da cidade e com o Roberto. E aí eles contaram: "Olha, a gente nota que nasce muito gêmeo, tem muito gêmeo nascendo".

Bia Guimarães: Todo mundo conhece um, dois, até três pares de gêmeos ao redor.

Só que, do jeito que eles falavam, parecia ser algo muito fora da curva.

Ursula Matte: A filha do fulano nasceu gêmeos, o outro lá tem três, são três irmãos, os três têm filhos gêmeos. Não sei quem tem gêmeos e era uma coisa assim, que parecia meio demais.

Bia Guimarães: Ou sei lá, um caso exagerado.

Ursula Matte: Mas não deve ser tudo isso.

Bia Guimarães: Bom, até aí parecia só uma ideia de pesquisa, né? As pessoas estavam encafifadas com um fenômeno, e queriam descobrir o que tava por trás. Mas era mais do que isso. Talvez dê pra entender até como um pedido de ajuda. A cidade precisava descobrir se ela realmente tinha sido alvo das tramoias do Mengele. Afinal, não estava pegando nada bem aquela pecha de experimento nazista.

Ursula Matte: Porque põe eles numa saia justa, né? Ou eles eram simpatizantes do nazismo e concordaram em participar de um experimento assim, se sujeitar a esse experimento. Ou tinha alguém fazendo um experimento com eles e eles nunca perceberam. Quer dizer, em qualquer situação eles ficam de um jeito péssimo, né?

Bia Guimarães: E, lembra? Cândido Godói é um município de imigração alemã. Pra muita gente ali, a ferida da Segunda Guerra ainda estava aberta. E o estigma do nazismo ainda estava vivo. Tudo isso fazia aquela lenda urbana ser muito mais abominável e perigosa do que as lendas urbanas costumam ser. Se a Ursula topasse essa missão, o trabalho dela não ia ser só investigar se realmente tinha muito gêmeo naquele lugar e tentar entender o porquê. Mas também ajudar (ou não) a cidade a se livrar do peso dessa história. Então ela pegou um ônibus e partiu pra Cândido Godói.

Chegando na cidade, o plano da Ursula era ir em busca das famílias com muitos gêmeos, conversar com elas, entender a árvore genealógica, coletar amostras de sangue pra analisar. Mas só essa primeira tarefa de achar os gêmeos já era um desafio por si só. Pelo fato da cidade ser espalhada pela zona rural.

Ursula Matte: As coisas são longe, não tem ônibus.

Bia Guimarães: Então a Ursula descolou a ajuda de um morador local, que se dispôs a ficar levando ela de carro de um lado pro outro. Mas, na verdade, teve uma outra coisa que ajudou muito ela a encontrar as pessoas certas. Uma festa.

Ursula Matte: Uma festa dos gêmeos. E aí, não apenas iam os gêmeos da cidade, como os gêmeos que tinham saído, que moravam fora e outros de regiões próximas. Você vê que a cidade leva isso tão a sério que existe uma Festa dos Gêmeos. Acontece até hoje. Rolam várias atrações, tem até batismo de bebês gêmeos feitos por um padre – que também é gêmeo.

Bia Guimarães: Outro clássico é a hora que eles se juntam pra tirar uma foto na frente da igreja. As escadarias ficam cheias de pares de bebês, crianças, adultos, idosos... alguns gêmeos idênticos, outros não-idênticos.

Ursula Matte: Fui numa dessas festas.

Bia Guimarães: Com toda essa gente reunida, o trabalho da Ursula ficou muito mais fácil. Ela aproveitou a festa pra conhecer as famílias, explicar sobre a pesquisa, e combinar as entrevistas que ela precisava fazer.

Ursula Matte: Fica sempre essa pergunta: e aí, por que que tem tanto gêmeo lá?

Bia Guimarães: Só que antes da gente mergulhar nessa saga investigativa, eu queria adiantar uma informação pra você. Porque você tá aqui ouvindo essa história até agora, e você já sacou que Cândido Godói tem uma quantidade de gêmeos acima da média – a ponto de justificar a existência de uma Festa dos Gêmeos – mas eu ainda não te dei nenhum dado. Eu não te contei quantos gêmeos tem lá.

Primeiro, um pouquinho de contexto.

A taxa de gemelaridade no Brasil naquela época, em 94, era de 0,8%. O que significa que, a cada mil nascimentos, oito eram de gêmeos. Já a média do estado do Rio Grande do Sul, ali no começo dos anos 90, era um pouco maior, 1,8%. Ou seja, a cada mil nascimentos, 18 eram de gêmeos. Já é um pulo considerável, né? Mais que o dobro. Tá, mas e Cândido Godói? Se prepara que agora vem o pulo real oficial. Depois de fazer um mapeamento por lá e de analisar um levantamento que a própria população já tinha feito, pegando de 1990 a 1994, a Ursula chegou numa taxa de 10%. Quer dizer: a cada mil nascimentos, 100 eram de gêmeos. Isso é mais que 10 vezes maior que a média do Brasil. De 0,8.

É um número muito alto. E faz a gente imaginar um lugar todo duplicado, com um par de gêmeos a cada esquina, sala de aula em que a professora já nem sabe quem é quem, né? Bom, tem muita reportagem por aí que pinta a cidade desse jeito e usa esse dado dos 10% como se fosse de Cândido Godói como um todo. Mas, na real, a coisa é um pouco mais complicada do que parece – e bem diferente da imagem que aparece na nossa cabeça quando a gente ouve falar de uma "cidade dos gêmeos".

Aliás, no caso dessa história, talvez fosse mais apropriado falar em "vila dos gêmeos", "bairro dos gêmeos". E pra entender o porquê disso, a gente precisa voltar na maratona de pesquisa da Ursula.

Ursula Matte: E aí eu ia nas casas das pessoas e conversava com elas: "Ah, e a senhora tem filhos gêmeos?" "Tem". Aí tirava foto das crianças. E as crianças e tal, documentava aquilo ali e começava a perguntar: "E tem mais algum caso na sua família?" "E tem mais algum caso?"

Bia Guimarães: A questão é que, conforme a Ursula ia investigando o mistério, mapeando as famílias, visitando as pessoas, ela também ia entendendo que aquela quantidade toda de gêmeos não era um fenômeno de Cândido Godói exatamente. Mas sim de um certo lugar dentro do município. Uma das comunidades da zona rural, que também são chamadas de linhas.

Ursula Matte: Que eles chamam as linhas. São uma estrada de terra que tem, num determinado ponto, tem uma igreja, uma escola, um clube, uma venda, e aquilo ali é uma linha.

Bia Guimarães: E numa dessas linhas estava a chave dessa história. A Linha São Pedro.

Ursula Matte: E eu fui mapeando então esse esse local, com esses nascimentos de gêmeos. E o que a gente viu é assim, ó: muito nascimento, muito nascimento mesmo.

Bia Guimarães: Porque, na verdade, é da Linha São Pedro que vem aquele dado dos 10% de nascimento de gêmeos. Agora sim a gente pode imaginar um lugar com gêmeos por toda parte. Cândido Godói ganhou o apelido de cidade dos gêmeos, terra dos gêmeos, capital mundial dos gêmeos, mas o mérito é todo da Linha São Pedro. Bom, só que ainda faltava entender o que estava por trás disso. Porque, afinal, tinha tanto gêmeo na Linha São Pedro.

A gemelaridade ainda é um universo cheio de mistérios pra ciência. Mas a gente sabe que existem basicamente dois tipos de fatores que podem fazer subir o nascimento de gêmeos: os fatores genéticos e os ambientais. Um fator genético seria, por exemplo, um gene que predispõe a ter gêmeos. E aí teria a ver com a linhagem familiar, algo passado de geração em geração. Já um fator ambiental é uma coisa que não tá nos nossos genes, não veio de fábrica. Mas pode influenciar na nossa reprodução. A Ursula lembra que, naquela época, além da história do Mengele, tinha uma outra explicação surgindo na cidade.

Ursula Matte: Em 94 tinha uma história que era a água lá de Linha São Pedro. Então deve ter alguma coisa que é daquele lugar e que não tá em toda a cidade.

Bia Guimarães: Algumas pessoas acreditavam que a água da Linha São Pedro tinha alguma propriedade especial que fazia as pessoas terem gêmeos. Tipo uma água da fertilidade, um elixir da gemelaridade. Se essa realmente fosse a resposta pro mistério, aí esse seria um exemplo de um fator ambiental aumentando a taxa de gêmeos. Mas essa hipótese da água era bem improvável. Não tão improvável quanto o papo do experimento do Mengele, mas, ainda assim, improvável. Aliás, já que eu toquei no assunto, quer saber por quê que a Ursula logo de cara não comprou a tese do experimento nazista? Pra começar, bastava prestar atenção nas conversas de lá. Ou nas árvores genealógicas.

Ursula Matte: “Ah, a minha avó já tinha irmão gêmeo”. Então ao longo de muitas gerações, nas famílias...

Bia Guimarães: As pessoas falavam de gerações e mais gerações com uma quantidade de gêmeos acima da média.

Ursula Matte: Tinha um monte de gêmeos lá em 1928. Ou seja, o Mengele nem tinha... o Hitler nem estava lá na Alemanha fazendo nada e os gêmeos já estavam nascendo aqui.

Bia Guimarães: Na verdade, nessa época o Hitler já tinha até escrito o Mein Kampf. Mas realmente faltava um tanto pro nazismo se estabelecer, pra guerra acontecer, e pra depois os nazistas fugirem de lá. Ou seja, essa história tem um problema grave de linha do tempo. Só que, além disso, ela ainda sofre de uma baita falha técnica.

Ursula Matte: Eu honestamente nunca duvidei que o Mengele pudesse ter tido interesse em ir a Cândido Godói. Cândido Godói é muito próximo da Argentina, a gente sabe que ele ficou na Argentina muito tempo. O ponto é: hoje, se eu quiser fazer um experimento desse tipo que é induzir gêmeos monozigóticos, não temos tecnologia para fazer isso. Hoje, em 2020. Então não era em 1960, quando ele foi, que tinha.

Bia Guimarães: Não daria pra planejar uma cidade de gêmeos assim nem hoje, que dirá 60 anos atrás. Então, voltando pro mundo das hipóteses plausíveis. Desde o começo, o faro da Ursula apontava para um fator genético. Algo de família.

Ursula Matte: E aí comecei a pensar, a procurar, assim, nomes de solteira das mães, porque a gente conseguia fazer uma linha assim dos homens pelo sobrenome. Mas as mulheres, especialmente na colônia alemã, os nomes das mulheres se apagam. Elas não costumam ter dois sobrenomes. As pessoas têm um sobrenome só. Então eu ficava perguntando: mas qual é o sobrenome da sua mãe? O sobrenome da sua avó? E eu queria saber o sobrenome de solteira da avó.

Bia Guimarães: Ela fez uma varredura por essas linhagens. E começou a perceber que a gemelaridade não era generalizada. Ela estava mais presente num certo conjunto de sobrenomes, de famílias.

Ursula Matte: E o que a gente imagina que é que essa cidade, Cândido Godói, foi fundada por um número pequeno de pessoas.

Bia Guimarães: Um número pequeno de famílias que se estabeleceram lá e foram vivendo sem muito contato com gente de fora. Aí foram rolando casamentos dentro desse grupo, e deu no que os pesquisadores chamam de endogamia.

Tem vários casos famosos de endogamia, principalmente no mundo das famílias reais. Um exemplo clássico é o da Casa de Habsburgo. Os Habsburgo foram uma dinastia germano-austríaca que reinou pela Europa por mais de 600 anos. Pra não diluir o sangue real – e nem as heranças – era comum eles se casarem dentro da família. Primo com prima, tio com sobrinha. E aí, quando isso acontece, você tem todo um conjunto de genes que fica mais frequente naquela população ao longo do tempo. E pode ter uma ou mais características que ficam exacerbadas.

No caso dos Habsburgo, eles desenvolveram uma predisposição genética a certas doenças e uma mandíbula bem avantajada. A "mandíbula de Habsburgo" foi imortalizada nas pinturas da família, e foi tema de vários estudos científicos sobre endogamia. Dizem que o Carlos II – que foi o último rei da ala espanhola dessa dinastia – tinha uma mandíbula tão proeminente que não dava nem pra mastigar direito. Isso é só um exemplo mais gritante. No caso de Cândido Godói, a endogamia não chegou nos níveis habsburguianos – e ela pode ter resultado numa coisa bem menos incômoda só que mais atrativa pras teorias da conspiração: uma terra de gêmeos.

Ursula Matte: E nesse número pequeno de pessoas tinham algumas que até talvez fossem relacionadas entre si, que levavam esse fator genético que predispõe então ao nascimento gemelar.

Bia Guimarães: Era muito provável que as famílias da Linha São Pedro carregassem um fator genético que, de alguma forma, favorecia a gestação de gêmeos.

Ursula Matte: Esse fator foi aumentando em frequência e o número de nascimentos foi aumentando de frequência.

Bia Guimarães: Qual fator genético? Ainda não dava pra saber, precisaria de mais pesquisas, mais recursos e tecnologias pra descobrir – lembrando que isso foi em 94. Mas a Ursula, e os outros pesquisadores da Federal do Rio Grande do Sul que tinham embarcado nessa missão com ela, estavam firmes nessa meia resposta.

Então a Ursula terminou o TCC, se formou – e, em 1996, ela publicou os achados da pesquisa junto com outros quatro pesquisadores. Nesse estudo, eles mostravam que tinha uma taxa de gêmeos fora da curva em Cândido Godói, e que o fenômeno estava concentrado na Linha São Pedro. E eles defendiam a hipótese de que aquilo estava relacionado a algum fator genético ainda não identificado.

Ursula Matte: E vida que segue. Fui fazer outra coisa. Fui fazer mestrado, fazer doutorado. Continuei trabalhando com o Roberto em outros assuntos.

Bia Guimarães: Pronto, era o fim do mistério e daquele papo de experimento nazista. Né?

Ursula Matte: Até que em 2008.

Bia Guimarães: Na verdade, não...

Ursula Matte: Nesta época, de novo, o Jorge Camarasa publicou outro livro.

Bia Guimarães: O Jorge Camarasa, lembra dele? O jornalista argentino que era o principal suspeito de ter começado a espalhar o boato do experimento nazista lá em 94. Em 2008 ele publicou mais um livro sobre a fuga dos nazistas pra América do Sul. E, nesse livro, ele voltou a falar de Cândido Godói. Ele escreveu que existem evidências da passagem do Mengele por lá, e que o boom de gêmeos na cidade aconteceu depois disso, em 1963 – o que a gente já sabe que não é verdade. O Camarasa escreveu também que os gêmeos de lá eram todos loiros de olhos azuis – provavelmente querendo linkar isso com o nazismo. Como se não fosse normal ter gente loira e de olho claro numa cidade de imigração alemã.

Ursula Matte: E no livro, inclusive, ele me cita dizendo que a prova, uma das provas de que foi mesmo Mengele, é porque uma geneticista foi lá e não achou a explicação. Então isso corrobora a hipótese dele de que o Mengele foi lá.

Bia Guimarães: Vou ler esse trechinho do livro dele – abre aspas: "ainda que biólogos e geneticistas tenham estudado o fenômeno, não puderam achar uma explicação científica definitiva".

Ursula Matte: Então isso corrobora a hipótese dele de que o Mengele foi lá.

Bia Guimarães: Ou seja, ele ignora todas as pistas que apontavam na direção contrária, e bota de novo no holofote a lenda que os pesquisadores achavam que tinham derrubado de vez. E tem mais uma coisa. Nesse livro, o Camarasa cita uma outra obra que pode ter ajudado a alimentar essa história. É um livro que tinha sido lançado no ano anterior, 2007, chamado "Meus dois corpos". Esse livro foi escrito por um ex-prefeito e médico de Cândido Godói, o Anencir Flores, e pelo escritor Jacinto Anatólio Zabolotsky. Eles não defendiam a hipótese do experimento com gêmeos em si, mas traziam relatos de moradores da região pra argumentar que o Mengele viveu mesmo por lá, disfarçado. E aí o livro do Camarasa, combinado com esse outro, fizeram a história explodir.

Ursula Matte: Por algum motivo, dessa segunda vez, essa repercussão é muito maior, mas assim, muito maior mesmo, de sair reportagem no New York Times, de sair reportagem no jornal alemão, de sair reportagem em tudo que é lugar.

Bia Guimarães: Ainda dá pra achar em alguns portais as notícias que saíram naquela época. "Livro atribui a Mengele boom de gêmeos em cidade gaúcha", "Livro gera polêmica na cidade dos gêmeos", "Mystery endures in Brazilian town of twins" – que traduzindo seria "Mistério perdura em cidade brasileira dos gêmeos" ... Esse último é o título da matéria que saiu no New York Times, em fevereiro de 2009. A gente linkou todas elas lá no site da Rádio Novelo. Algumas reportagens eram mais equilibradas, outras mais sensacionalistas. Tinha de tudo.

Ursula Matte: "Veja como inclusive é um experimento do Mengele, porque são todos loiros de olhos azuis".

Bia Guimarães: Em algumas dessas matérias, a Ursula foi entrevistada, e colocaram as explicações – e as incertezas – científicas. Mas outras nem citavam que Cândido Godói foi tema de anos de investigação científica de fato. Só falavam sobre os livros, e deixavam o caminho aberto pra especulação. Tanto que, desde que eu comecei a ler sobre essa história, já aconteceu umas cinco vezes de eu falar: "Ah, tô produzindo um episódio sobre a cidade dos gêmeos, no Rio Grande do Sul" – e alguém perguntar "Ah, aquela que foi cobaia de experimento nazista?". Isso até hoje. Mesmo depois de décadas de pesquisa provando o contrário.

Eu fico pensando que isso tem a ver com a maneira como os jornais noticiaram o caso de Cândido Godói. A possibilidade de alguém ter criado uma cidade dos gêmeos com as próprias mãos – mesmo que remeta a um capítulo tenebroso da História e não faça sentido nenhum – parece ser irresistível pra uma parte das pessoas. E aí não adianta tentar empurrar essa lenda pro lixo. Ela insiste em continuar rondando. E a saga dos cientistas em Cândido Godói não parou, continua até hoje.

Desde 2008, o grupo da Federal do Rio Grande do Sul já fez várias outras coisas.

Eles analisaram os registros de batismo pra checar se de fato o número de gêmeos já era alto antes do Mengele – e a resposta é sim. Eles também analisaram a água da Linha São Pedro pra descartar de vez aquela ideia de fonte da fertilidade.

Ursula Matte: Nunca, nunca no mundo ninguém disse que tem alguma coisa na água que faz a pessoa ter filhos gêmeos. Mas podia ser a primeira vez...

Bia Guimarães: Só que não, não tinha nada na água. E, claro, eles continuaram investigando o tal fator genético que poderia tá por trás do mistério. Aproveitando que surgiram novas técnicas de laboratório pra fazer isso. E foi assim que, em 2012, depois de um estudo comparando mães de gêmeos com mães de não-gêmeos da cidade...

Ursula Matte: A gente achou um alelo de um gene.

Bia Guimarães: Um alelo do gene P53, que parece que pode estar envolvido não na produção de gêmeos, quer dizer na geração, mas na manutenção de uma gestação gemelar. Na manutenção de uma gestação gemelar – ou seja, no sucesso dessa gestação. A ideia é que esse alelo do gene P53 pode facilitar a fixação do embrião na parede do útero.

Então não é que ele aumenta a chance de dois óvulos serem fecundados ao mesmo tempo, e aí dar em gêmeos dizigóticos – os gêmeos não idênticos. E nem que ele aumenta a chance de um óvulo ser fecundado e depois ele se dividir em dois, dando em gêmeos monozigóticos – ou os gêmeos idênticos. Mas o pulo do gato estava numa etapa adiante: na hora dos embriões se fixarem no útero. Por isso que na Linha São Pedro tinha tanto gêmeos idênticos como não-idênticos. Porque esse fator genético seria capaz de favorecer os dois tipos de gemelaridade.

Ursula Matte: É um mecanismo que seria comum a qualquer um dos dois tipos de gêmeos.

Bia Guimarães: Mas, mesmo com essas peças a mais, o mecanismo exato disso tudo ainda guarda mistérios. Não é à toa que a gemelaridade desperta tanto fascínio. Ela tem seus segredos. Na verdade a reprodução em geral é uma caixa preta.

Ursula Matte: Isso faz parte do fazer científico, né? A gente não consegue explicar na totalidade um fenômeno que é tão complexo, que tem influência ambiental, que tem provavelmente uma influência de vários genes que eu não posso controlar. Não posso dizer: “Então

vamos falar...” Eu tenho uma hipótese: "Eu acho que é assim: então Joãozinho, tu casa com a Mariazinha e vamos observar quantos filhos vocês têm aí". Não posso fazer isso. A gente não tem como fazer um experimento controlado em relação a isso. Se não, estou aqui me igualando ao Mengele. Não pode fazer isso.

Bia Guimarães: Quase 30 anos depois do início dessa saga toda, eu queria saber como que andam essas explicações no lugar que é o cenário dessa história, Cândido Godói. Então eu fui conversar com uma pessoa que nasceu e cresceu lá.

Samara Wobeto: Meu nome é Samara Wobeto, sou jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria.

Bia Guimarães: A Samara vive em Santa Maria há alguns anos. Santa Maria fica no Rio Grande do Sul também, mas a uns 300 quilômetros de Cândido Godói.

Samara Wobeto: Quando eu conto para os meus amigos daqui de Santa Maria: "Ah, porque eu sou da cidade dos gêmeos". E aí a primeira pergunta que vem é: "Você é gêmea?" "Não, eu não sou".

Bia Guimarães: Eu perguntei pra ela como ela vê o fenômeno dos gêmeos hoje em Cândido Godói, e qual explicação prevalece por lá.

Samara Wobeto: O meu olhar enquanto pessoa que viveu lá e que conhece da história da cidade é de que a principal explicação aceita pela população local é a explicação da lenda da água da fertilidade.

Bia Guimarães: Até hoje?

Samara Wobeto: Até hoje. Essa explicação é muito mais aceita.

Bia Guimarães: Essa lenda da água da fertilidade tem duas camadas. Uma é mais superficial, que é aquilo das pessoas acreditarem que tem alguma coisa na água da cidade – e especialmente na água da Linha São Pedro – que faz as pessoas terem mais gêmeos. Alguns dizem que é a pureza dessa água, ou alguma propriedade especial desconhecida. E aí tem uma camada mais profunda, que é a história por trás dessa crença. Reza a lenda que existiu um

lavrador naquelas terras que estava muito cansado de trabalhar sozinho. Um dia ele foi até a margem do Rio Dúvida – que é o rio que atravessa a zona rural de Cândido Godói – e chorou, pedindo a Deus por descendentes, filhos que pudessem ajudar ele naquela vida dura. As lágrimas dele, cheias de fé, se misturaram com a água do rio. E a água ficou abençoada de fertilidade.

Samara Wobeto: Na minha família, desde que eu era criança, uma coisa que eu lembro, assim, meus pais moram na zona rural do município, e o Rio Dúvida, que é esse Rio que fala da lenda e tal, ele passa nos fundos da propriedade. Então meu pai sempre brincava assim também, depois que eu fui para Santa Maria: "Ah, se uma amiga quiser ter filhos gêmeos, leva uma água daqui pra ela". Nesse tom de brincadeira.

Bia Guimarães: A Linha São Pedro não é a única banhada por esse rio, mas foi lá que a lenda ficou marcada. E claro, não é todo mundo em Cândido Godói que acredita nessa história. E tem gente que fala só brincando. Mas, como a Samara estava contando, a explicação da água circula muito mais pela cidade do que o boato do experimento nazista.

Samara Wobeto: Antes de pesquisar sobre a história mais a fundo, eu nunca tinha ouvido falar da lenda do Mengele, né? Então não é uma coisa replicada no imaginário local. As pessoas conhecem, mas elas não aceitam isso. E eu acho que um pouco tem a ver com uma questão de que a região é de imigração alemã principalmente.

Bia Guimarães: Pra ela, é como se as pessoas abraçassem a lenda da água como uma espécie de proteção. Algo que veio pra substituir a outra lenda, que é tão terrível e pesada pra quem mora na cidade. Já a explicação científica sobre o fator genético, a endogamia, as famílias que fundaram a cidade, isso ela disse que não escuta tanto por lá. E, só lembrando: essa é a teoria mais provável, tá? A de que essa quantidade acima da média de gêmeos tem a ver com aquele fator genético que favorece a fixação dos embriões no útero, e aumenta a chance de sucesso da gestação de gêmeos. Um fator que provavelmente estava presente em algumas famílias que fundaram a cidade, e que foi ficando mais e mais frequente por causa da endogamia.

Hoje em dia, na Linha São Pedro, tem um poço da fertilidade e uma estátua da mãe da fertilidade, que é uma mulher segurando dois bebês. E realmente tem gente que pega água de lá e até leva pra gente de fora que tá querendo uma ajudinha pra engravidar de gêmeos.

Ursula Matte: Está escrito assim bem no pórtico da cidade "Cândido Godói: cidade pomar e terra dos gêmeos". Então, tudo o que é lugar tem duas carinhas, que são os símbolos dos gêmeos. Isso começou a virar também algo de atrativo para a cidade.

Bia Guimarães: Quando eu falei com a Ursula, o grupo dela não tinha dados super atualizados sobre a Linha São Pedro. Mas, até onde eles têm notícia, a taxa de gêmeos lá continua acima da média. Pelo menos por enquanto.

Ursula Matte: O que está acontecendo lá, como em vários outros lugares, é que muitos, muitos jovens estão saindo de lá. Deixou de ser uma comunidade tão isolada como era em 94. Agora já é um pouco diferente, tem mais pessoas de fora. Então acho que a tendência é que essa taxa se dilua um pouco, pelo menos.

Bia Guimarães: E tem uma última coisa curiosa nisso tudo. Por um lado, a tendência é que a quantidade de gêmeos da Linha São Pedro vá diminuindo aos poucos, conforme a genética se mistura. Mas, por outro lado, no restante do mundo, tudo indica que essa taxa está aumentando.

Isso principalmente por causa de dois fatores ambientais: primeiro, a idade materna. Ter filho mais tarde aumenta a chance de ter gêmeos. E, segundo, porque os tratamentos de fertilidade e os procedimentos de reprodução assistida estão ficando mais comuns. E aí, com as estratégias pra aumentar a chance de sucesso, é comum que mais de um embrião seja colocado no útero pra tentar vingar, e aí vem gêmeos. De certa forma, agora é o planeta que tá virando uma terra dos gêmeos.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo. Essa história, aliás, é uma adaptação de um episódio do podcast que a Bia faz com a Sarah Azoubel, o 37 Graus. Tá nessa nova temporada do podcast, que

é toda dedicada a genética, e eu recomendo demais ouvir. O site do 37 Graus tá linkado aqui no nosso.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Pra receber cada fornada de histórias na hora em que elas saem da nossa cozinha, é só pegar no aplicativo em que você tá nos ouvindo e ou seguir, ou curtir, ou assinar, dependendo da plataforma.

E se quiser mais um lembrete, você pode se inscrever pra receber a nossa newsletter, que chega junto com o episódio toda quinta-feira. Se quiser dar uma forcinha e ajudar o Apresenta a chegar em mais gente, aproveita logo pra dar cinco estrelas, deixar um comentário no episódio no Spotify, fazer uma resenha pro podcast na Apple. E pode seguir a gente no Instagram e no Twitter também, no @radionovelo.

Toda semana, além do episódio e da newsletter, a gente publica um post no site da Rádio Novelo, com algum material bônus das reportagens. Essa semana, tem fotos da “cidade dos gêmeos” e também do quadro na sala do pai da Flora. Pra recomendações de histórias, você pode mandar um e-mail pra gente: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Júlia Matos e Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio e pelo Plínio Lopes. A sonorização é da Paula Scarpin, da Júlia Matos, e da Bia Guimarães. Nesse episódio, a gente usou música original da Luna França, e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.